

PODE UMA FAVELADA FALAR?

Daniela de Jesus Lima¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo analisar como a intersecção de raça, gênero e classe são utilizados na obra *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus para dar *ethos* de autenticidade ao *Ser* que reside em condições de vulnerabilidade. Do ponto de vista estrutural, o artigo está dividido em três seções. Na primeira, apresento a autora, a obra e a literatura negra enquanto demarcadora da existência de um “eu - negro” que se posiciona politicamente e ideologicamente através da escrita. Em seguida, se discute o conceito de pobreza, identidade favelada, assim como, a posição subordinada que estes sujeitos ocupam nas relações econômicas e culturais em uma sociedade de classe. Nesse sentido, analisa como os coletivos favelados produzem a sua subsistência e as formas pelas quais a reprodução da estrutura racista brasileira se dá através dos aparelhos do Estado. Conclui que *Quarto de Despejo* é uma obra contemporânea crucial para uma leitura crítica sobre os brutais processos sócioestruturais os quais os favelados são submetidos no país, assim como, são submissos aos mecanismos que produzem e reforçam as suas condições de produção de subsistência.

Palavras-chave: Literatura Negra, Empoderamento, Carolina Maria de Jesus.

ABSTRACT: This article aims to analyze how the intersection of race, gender and class is used in the fourth work of the eviction of Carolina Maria de Jesus to give ethos of authenticity to the Being that live in conditions of vulnerability. From a structural point of view, the article is divided into three sections. In the first one, it presents the author, the work and the black literature as the demarcator of the existence of an "I - negro" that positions itself politically and ideologically in writing. It then discusses the concept of poverty, favela identity, as well as the subordinate position that these subjects occupy in economic and cultural relations in a class society. It then analyzes how the favela collectives produce their subsistence and the ways in which the reproduction of the Brazilian racist structure takes place through state apparatus. It concludes that Room of Eviction is a crucial contemporary work for a critical reading of the brutal socio-structural processes to which the favelados are subjected in the country, as well as of the mechanisms that produce and reinforce their subsistence production conditions.

Keywords: Black literacy, Empowerment, Carolina Maria de Jesus

¹ Mestre em Educação FAGED/UFBA. Rede Municipal de Educação de Salvador.
E-mail: daniela_ufba@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus é uma mulher negra, pobre, favelada, escritora brasileira semianalfabeta, nascida em 14 de Março de 1914, na cidade de Sacramento em Minas Gerais, e falecida em São Paulo em 13 de fevereiro de 1977. Reconhecida como uma das primeiras escritoras negras do Brasil, empodera-se da escrita como um ato social e político, para denunciar ao mundo a vida dos oprimidos, os favelados de Canindé, conforme anuncia a autora: “vou escrever um livro referente à favela. Hei de citar tudo que aqui se passa”¹.

Publicado sua primeira edição em 1960, *Quarto de Despejo*, traz uma narrativa que retrata uma leitura de mundo crítica das situações limites aos quais são submetidos os moradores da favela do Canindé, localizada na cidade de São Paulo. Em sua escrita Carolina traz não meramente um olhar sobre a favela, mas o olhar de uma favelada que denuncia os processos socioestruturais racistas, classistas e sexistas que, historicamente, reforçam as desigualdades sociais, políticas e econômicas que caracteriza as favelas do país².

Igualmente, Carolina apresenta uma construção discursiva que problematiza e descreve os sintomas de uma sociedade fundamentada no pensamento eurocêntrico e nos aspectos socioculturais dos colonizadores portugueses, escravocratas e elitistas, que invisibilizam as discussões raciais sobre a pobreza e na qual “o uso da palavra”³ se constitui privilégios de poucos que dominam a maioria.

Surpreendentemente, Carolina rompe com essa estrutura submissa, silenciosa e opressiva, assumindo a linguagem popular a partir de uma perspectiva existencial, com um discurso contra-hegemônico, que faz história ao desvelar para o mundo o sistema opressor que desumaniza homens e mulheres. A autenticidade e singularidade com que foi construída a narrativa *Quarto de despejo* fez essa obra literária ser traduzida para diversos idiomas. Sob esta proeza, Castro e Machado ressaltam:

¹ JESUS, Carolina. M. *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014, p.17

² Aprofundar a temática sobre as favelas em São Paulo em CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia*: a longa busca da cidadania. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006; OLIVEIRA, Dennis. *Abolição inacabada*: o projeto das classes dominantes brasileiras. *Revista Fórum*. 13 de maio de 2015.

³ Grifo nosso.

Ela sempre surpreendeu, pois não correspondia aos estereótipos; negra, espera-se que seja humilde, mas não é. Mulher espera-se que seja submissa, mas não é. Semianalfabeta espera-se que seja ignorante, mas não é. E não sendo o que se espera dela, é rejeitada como pessoas pela sociedade e incompreendida como escritora.⁴

Do ponto de vista literário, a obra *Quarto de Despejo* está inserido dentro da categoria literatura negra⁵ que segundo Cortazzo (2011), caracteriza-se pela ruptura com o discurso literário etnocêntrico, cuja definição de escrita e arte segue os padrões estético-culturais ocidentais que, por sua vez, invisibilizam a produção literária ou artística de outras culturas, subjugadas a condição de *não-ser*⁶; um *outro* que é inviabilizado, aniquilado, destituído de sua própria história e cultura, sob o pretexto de superioridade da construção discursiva europeia totalitária a ser seguida.

Em síntese, essa ideologia levou “a literatura negra a ter como fundamento uma política corporal que se desenvolve como uma estética identitária. Isto quer dizer que a teorização desta literatura não pode separar corpo, identidade e escrita”⁷ Nesse sentido, Carolina efetivamente aproxima-se dessa estética identitária, utilizando a escrita, para além da narrativa de memórias, como um mecanismo de transcendência poética, política e cultural, emergida da dura realidade sofrida na favela e com a favela. Para isso, Carolina vale-se de uma narrativa concisa, objetiva e aliada a uma competência metafórica da linguagem, conforme se observa:

“Hoje o sol não saiu. O dia está triste igual a minha alma.”⁸

“A cor da agrura que está nos corações dos brasileiros famintos”⁹

⁴ Apud TEIXEIRA, Níncia. *A Escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades*. Revista de Pós-graduação em Letras, v. 14, n.2. Ano. 2016.

⁵ Literatura Negra é um conceito que não apresenta um consenso no meio acadêmico. De um lado, estudiosos argumentam que o uso dessa expressão remete ao etnocentrismo e ajudar a manter a discriminação e, do outro o que pregam que o termo demarca a existência de um “eu-negro” que se posiciona política e ideologicamente na escrita. Para fins, deste artigo entende a literatura negra a partir desta última perspectiva.

⁶ Segundo Platão o nosso discurso sobre o não-ser não é o discurso sobre o nada, sobre o que não é, mas sim o discurso sobre a alteridade.

⁷ CORTAZZO, Uruguay. Branquitude e crítica literária. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). *Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiros, africanos e da diáspora africana*. Frederico Westphalen: EdURI, 2011. p. 232.

⁸ JESUS, Carolina. M. *Quarto do Despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2014, p.79

⁷ Ibidem, p.122

⁸ Ibidem.

O sucesso literário de Carolina, contudo não reprimiu a discriminação da literatura cânone contemporânea, uma vez que seu conteúdo e autoria eram contrários ao *ethos* de autenticidade no modelo adotado de totalidade etnocêntrica, pois, nessa perspectiva, não cabe pensar o *outro*¹⁰ e a responsabilidade pelo *outro*, na concepção de liberdade, igualdade e justiça, para além da cosmovisão do *eu* europeu.

Carolina Maria de Jesus tenciona essa estrutura de poder hegemônico, que valoriza prioritariamente a linguagem erudita na produção literária, transformando o ser favelado em um sujeito ativo capaz de reagir, de fazer a antítese, de argumentar, pois afinal, é. Desse modo, proporciona ao leitor uma interpretação subjetiva a partir de uma experiência concreta com o processo de desumanização produzido pela fome e pela pobreza assim como, torna visível a cultura de milhões de famintos de liberdade, igualdade e justiça: os favelados, os oprimidos, os esfarrapados, excluídos e marginalizados da sociedade.

2. Dura é a vida dos favelados!

Caracterizada por uma leitura crítica que transcende os limites de tempo e espaço, *Quarto de Despejo* é uma construção discursiva que revela em suas entrelinhas, a consciência de gênero, raça e classe vigente no país. Para Carolina, *Ser* pobre, favelada, é o *não-ser* da humanidade; é o *não-ser* do cidadão paulistano, conforme narra: “enquanto as roupas corava eu sentei na calçada para escrever. Passou um senhor e perguntou-me: o que escreve? Todas as lambanças que pratica os favelados, este projeto de gente humana”¹¹

Essa concepção de *Ser* foi utilizada na obra para dividir a cidade numa concepção dualista e hierarquizada do *Ser*: os paulistanos e os favelados. “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”¹². Numa perspectiva de classe, a favela é caracterizada por Carolina como o lugar onde moram aqueles que possuem a produção de suas existências fundadas em

¹⁰ O discurso do *Outro* é um conceito introduzido por Jacques Lacan (1901-1981). O termo francês “Autre”, traduzido para o português como “*Outro*” relaciona-se ao latim *alter*, de onde vem a palavra “alteridade”. Foi utilizado para diferenciar de um outro que é semelhante ou próximo.

¹¹ Idem. Quarto de despejo, p. 20

¹² Ibidem, p.23

processos histórico-estruturais que negam a sua vocação ontológica de *Ser* mais. São sujeitos caracterizados, fundamentalmente, pela sua posição na relação de oposição dialética “entre os que compram e os que são obrigados a vender o seu trabalho”¹³

Todavia, para Carolina, a cidade de São Paulo é descrita como o centro de referência do *eu* favelado e do *eu* paulistano, sendo esse último, o modelo a ser seguido. “Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela”¹⁴. Essa discriminação com o favelado é compartilhada pelos paulistanos, conforme observa-se no relato de Carolina: “Haviam pessoas que nos visitavam e diziam - credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo”¹⁵

Deduz-se, desta forma, que no imaginário social da época, essa concepção dualista do *Ser*, os paulistano x os favelados, é influenciada historicamente por uma política-ideológica escravocrata onde os paulistanos são concebidos como seres superiores diante dos favelados que são considerados por esses como seres atrasados, primitivos, bárbaros e rudes, e que, portanto, devem estar “a serviço da sala de visita”¹⁶.

No que tange ao aspecto racial, Carolina identifica-se de forma positiva com a sua identidade racial, conforme se constata:

“[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnações, eu quero voltar sempre preta.”¹⁷

Cumprе ressaltar, que essa afirmação identitária é realizada em um contexto sócio-histórico onde o paradigma político-ideológico da mestiçagem¹⁸ pregava a internalização do ideal de um *Ego* branco, com a pretensão de criar

¹³ FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.,p.140

¹⁴ Idem. *Quarto de despejo*, p. 76.

¹⁵ Ibidem, p.30

¹⁶ Ibidem, p. 23

¹⁷ Ibidem, p.58

¹⁸ Para aprofundar o conceito de mestiçagem cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras,1993.

uma nova civilização que se aproximasse do modelo europeu. Essa consciência identitária é descrita, sobretudo, nos relatos que envolvem a estrutura racista presente nas relações estabelecidas (social, psicológica, econômica, política e cultural) entre favelados e paulistanos. Efetivamente, é nessas relações estabelecidas, acrescentando-se os privilégios que os brancos desfrutam na sociedade paulista, que imprime no *eu* favelado uma das marcas mais perversas nos mecanismos da violência racista, conforme destaca Carolina:

“Enfim, o mundo é como o branco quer.”¹⁹

“Os homens não podem lutar contra o produto da natureza. Deus criou todas as raças na mesma época. Se criasse os negros depois dos brancos, aí os brancos podiam revoltar-se.”²⁰

“A vida é igual um livro. Só depois de lido é que sabemos como a nossa vida decorreu. A minha, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro.”²¹

Entretanto, esse conceito de identidade favelada, exposta por Carolina em sua obra, se apresenta sob duas vertentes. A primeira, consiste na ausência de uma identificação com o *Ser* favelado. A miséria presente na produção da subsistência de Carolina não era compartilhada por sua alma, conforme relata: “estou residindo na favela. Mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui.”²²

Percebe-se, então, uma consciência de transitoriedade, já que sua presença no mundo não é pré-determinada, imutável. Mas, um estar sendo que precisa de uma presença ativa no mundo do qual a responsabilidade ela não pode se eximir. Daí o uso de uma narrativa crítica problematizadora da condição do *eu* favelado como um mecanismo de possibilidade; como um instrumento de pronúncia no mundo.

A segunda vertente, paradoxalmente Carolina se identifica com o esse *eu* favelado e denuncia a condição sub-humana dos favelados e dos sistemas de opressão e o reconhece como um *ser* no mundo, possuidor de dignidade, e não apenas como sujeito-objeto. Sua escrita situa o *eu* favelado com uma sensibilidade ética²³ da que defende a total afirmação da vida humana, convocando a responsabilidade ético-política, para além do modelo hegemônico

¹⁹ Idem. Quarto de despejo, op. cit., p. 63.

²⁰ Ibidem, p.108

²¹ Ibidem, p.147

²² Ibidem, p.17

²³ Para aprofundar o sentido de “sensibilidade ética”, cf. SOUZA, Ricardo Timm de. Sujeito, Ética e História: Levinas, o Traumatismo Infinito e a Crítica da Filosofia Ocidental. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

de totalidade vigente. Um ato de empoderamento que dar poder da palavra escrita e dar voz aos excluídos.

“As aves deve ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. (...) O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dormem porque deitam-se sem comer”²⁴

Carolina traz de fato uma escrita produtora de conhecimentos sobre subjetividades construídas, experimentadas e vivenciadas a partir de homens e mulheres favelados, que se contrapõe com a imagem estereotipada e invisibilizadora dos oprimidos, preconizada pela literatura canônica vigente e amplamente veiculada pelas classes detentoras do poder político-econômico.

O ato de dar voz, através da literatura, a grupos silenciados e marginalizados socialmente abre possibilidades de narrar a partir de novos ângulos, contribuindo, para o preenchimento de lacunas não contempladas pela história oficial e para a emergência de versões sobre aquilo que o discurso oficial procurou calar ou ocultar. (TEIXEIRA, 2016, p.284)

Essa visão do *eu* favelado levou Carolina a fazer uma analogia que deu origem ao nome da obra. “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso digno de estar num quarto de despejo”²⁵ Para Carolina, “a favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui e o diabo”²⁶ Por conseguinte, viver, neste espaço, sobreviver nesse lugar, é um martírio para a autora. Razão pela qual, em diversas passagens da obra, a sua presença no mundo emerge como um problema existencial:

“Será que é só eu que levo esta vida? O que posso esperar do futuro? Um leito em Campos do Jordão.”²⁷

“Já faz tanto tempo que estou no mundo que eu estou enjoado de viver. Também, com a fome que eu passo quem é que pode viver contente?”²⁸

²⁴ Ibidem, p.30

²⁵ Ibidem, p. 33

²⁶ Ibidem, p.81

²⁷ Ibidem, p.29

²⁸ Ibidem, p.110

Essa presença humana no mundo; “presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz, mas também que sonha, que constata, compara, avalia, que decide, que rompe”²⁹ imprime na narrativa de Carolina uma autenticidade ao pensar a existência humana assentada em uma relação de transcendência, enquanto elemento constitutivo do homem e da sua subjetividade.

3. Duro é o pão que comemos!

Carolina é uma mulher negra que optou por não casar, sobretudo, em função da consciência da opressão direcionada às mulheres negra em uma sociedade patriarcal. Por isso, procurava dentro das suas possibilidades providenciar uma refeição digna, o que nem sempre lograva êxito. Sob esta dificuldade salienta “tem hora que revolto com a vida atribulada que levo. E tem hora que me conformo”³⁰

Mas, a dificuldade em prover a subsistência de sua família não tornava Carolina uma pessoa amarga. “Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã estou sempre alegre”³¹ E, uma das coisas que alimentava essa felicidade era o seu ideal de vida. “Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler”³². Por isso, relata Carolina: “eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que conheço com mais atenção. Quero enviar um sorriso amável às crianças e aos operários.”³³

Cumprе ressaltar, que a alegria para Carolina não é uma euforia ingênua. É uma dimensão política e existencial que deve ser garantida pela luta, pela indignação, pelo inconformismo, pela capacidade de transcender e manter viva a esperança de sair do Quarto de Despejo, ou seja, vencer o processo de desumanização nas relações de opressão social, étnica, racial, de gênero, do viver na periferia urbana, existentes no processo histórico da formação da sociedade brasileira que obstrui a vocação de homens e mulheres favelados em *Ser mais*.

²⁹ FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.p.20

³⁰ JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo. São Paulo: Ática e Francisco Alves, 2014, p. 22.

³¹ Ibidem, p.23

³² Ibidem. P.24

³³ Ibidem, p.25

De acordo com Paulo Freire (1996), a vocação para a humanização é uma marca da natureza humana e se expressa na própria busca do *Ser* mais. Tal vocação revela que o homem é programado, jamais determinado, segundo a sua dinâmica do inacabamento e do vir-a-ser. Neste sentido, observa que a vocação para a humanização apresenta como fim último, a transcendência de uma natureza que se constrói a si mesma em um processo sempre aberto que busca transpor as barreiras que atrofiam o potencial configurador da vocação do *Ser* mais do homem.

Mas, a luta para *Ser* mais encontra na realidade da fome uma impedimento que escraviza a sua existência, conforme relata Carolina:

“Deixei de meditar quando ouvi a voz do padeiro. – Olha o pão doce, que está na hora do café! Mal sabe ele que na favela é a minoria que toma café. Os favelados comem quando arranjam o que comer.”³⁴

“Como é horrível ver um filho comer e perguntar: Tem mais? Esta palavra ‘tem mais’ fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panelas e não tem mais”³⁵

“Não sei como devemos de fazer. Se a gente trabalha passa fome, se não trabalha passa fome.”³⁶

Decerto, a fome descrita por Carolina não é meramente uma fome física, material. Ela denuncia outras formas de fome oriundas de privação imaterial como a ausência de direitos humanos que cerceia elementos constitutivos das liberdades pessoais, sociais e políticas dos favelados. Nesse sentido, Preconiza uma liberdade que melhore o potencial das pessoas para cuidar de si mesma e para influenciar o mundo, questões centrais no processo da busca do *Ser* mais. Por isso, a pobreza da vida e a perda da liberdade humana denunciada em *Quarto do Despejo* deve ser vista para além de uma privação da capacidade básica de renda, ainda que seja um elemento importante a ser considerado. A obra requer uma leitura da realidade desse *eu* favelado que transcenda o que está posto; uma leitura integrada ao quadro mais amplo e complexo de êxito de privação humana.

Além disso, requer um olhar crítico que conceba a pobreza como uma categoria histórica e socialmente construída, ou seja, que associe a sua gênese aos fundamentos econômicos de exploração do trabalho, de concentração de

³⁴ Ibidem, p. 30

³⁵ Ibidem, p. 34

³⁶ Ibidem, p.114

renda e lutas de classes. Uma ideologia que é fundamentada em um sistema que se sustenta em uma ideologia que assegura a humanização para alguns e impõe a discriminação e a exclusão social para a maioria.

Para Freire (2002), a superação dessa relação dialética entre pobreza x acumulação de bens e produtos, somente é possível se os oprimidos se identificarem enquanto classe a fim de dimensionar a transformação da realidade adequando seus fins ao processo de humanização. Razão pela qual Dussel (2002) advoga que a ética que deve mover o oprimido não é a ética do mercado que produz, reproduz e desenvolve a morte para a maioria com fome, violência, e miséria, e, sim a sensibilidade ética de afirmação total da vida humana.

Sob a perversidade desse sistema opressor, denúncia Carolina:

Passei no açougue para comprar meio quilo de carne para bife. Os preços era 24 e 28. Fiquei nervosa com a diferença dos preços. O açougueiro explicou-me que o filé é mais caro. Pensei na desventura da vaca, a escrava do homem. Que passa a existência no mato, se alimenta com vegetais, gosta de sal mas o homem não dá porque custa caro. Depois de morta é dívida. Tabelada e selecionada. E morre quando o homem quer. Em vida dá dinheiro ao homem. E morta enriquece o homem.³⁷

Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o César da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome! ³⁸

Acrescenta-se a identificação com a pobreza, com uma sensibilidade ética visivelmente perceptiva, no que diz respeito à miséria humana:

Ela sabe que aqui na favela não pode alugar barracão. Mas ela aluga. É a pior senhoria que eu já vi na vida. Porque será que o pobre não tem dó do outro pobre?³⁹
Tem festa no barraco de um nortista. E a favela está superlotada de nortistas. O Orlando Lopes está girando pela favela. Quer dinheiro. Ele cobra a luz no cambio negro. E tem pessoas aqui na favela que estão passando fome.⁴⁰

Por conseguinte, Carolina adota o papel de intelectual consciente da política hierárquica e excludente de raça e classe social e, crítica às ações dos

³⁷ Ibidem, p.63

³⁸ Ibidem, p. 129

³⁹ Ibidem, p.72

⁴⁰ Ibidem, p.67

políticos que fazem do espetáculo da pobreza o palco de promoção individual, denunciando também, a falta de políticas públicas na favela, apontando os seus problemas sociais.

Nesse sentido, pontua:

Quando um político diz nos seus discursos que está ao lado do povo, que visa incluir-se na política para melhorar as nossas condições de vida pedindo o nosso voto prometendo congelar os preços, já está ciente que abordando este grave problema ele vence nas urnas. Depois divorcia-se do povo. Olha o povo como os olhos semi-cerrados. Com um orgulho que fere a nossa sensibilidade.⁴¹

O serviço de Saúde do estado disse que a água da lagoa transmite as doenças do caramujo. Vieram nos revelar o que ignoramos. Mas não soluciona a deficiência da água.⁴²
Vendo que o Alexandre não parava de falar, eu fui na Delegacia. O soldado que estava de plantão disse: - Favela é de morte!⁴³

Por sua vez, para Carolina a concepção subjetiva do *eu* favelado, pobre, marginalizado, enquanto um *não-Ser*, reproduz-se nos aparelhos do Estado com suas ações paliativas de enfrentamento da pobreza que em nada altera as fontes e os fundamentos da desumanização que são submetidos os pobres:

Quem deve dirigir é quem tem capacidade. Quem tem dó e amizade ao povo. Quem governa o nosso país é quem tem dinheiro, quem não sabe o que é fome, a dor, e a aflição do pobre.⁴⁴

De quatro em quatro anos muda-se os políticos e não soluciona a fome, que tem a sua matriz nas favelas e as sucursales nos lares dos operários.⁴⁵

Percebi que no Juizado as crianças degrada a moral. Os Juizes não tem capacidade para formar o caráter das crianças. O que é que lhes falta? Interesses pelos infelizes ou verba do estado?⁴⁶

Em síntese, as condições de produção de subsistência dos favelados do Canindé apresentam, nas palavras de Carolina Maria de Jesus, uma fotografia do quadro sociocultural vigente, marcada pela profunda desigualdade econômica entre os que vivem no palácio e os que sobrevivem no quarto de despejo, desvelando como as intersecções entre raça, gênero e classe são

⁴¹ Ibidem, p.34

⁴² Ibidem, p. 71

⁴³ Ibidem, p. 96

⁴⁴ Ibidem, p.35

⁴⁵ Ibidem, p.36

⁴⁶ Ibidem, p.79

forjados para destituir o *ethos* de autenticidade dos que residem em condições de vulnerabilidade no país.

Considerações finais

Quarto de Despejo é uma obra onde a exceção torna-se regra. Subvertendo o lugar historicamente dado aos favelados, Carolina Maria de Jesus empodera-se da escrita, enquanto instrumento político e libertador, para pronunciar-se no mundo e denunciar as condições de desumanização que a ideologia adotada pelo o sistema capitalista - racista, classista e sexista, impõe aos favelados, oprimidos, excluídos - os condenados da terra. Uma escrita mais do que uma necessidade estética; uma necessidade existencial.

Uma construção discursiva contemporânea que desnuda os brutais processos históricos sociais que ainda subjugam e submetem os pobres no país, assim como, os mecanismos que reproduzem e reforçam as condições de produção de subsistência. Uma obra legítima, singular e autêntica que proporciona ao leitor uma interpretação da sociedade a partir de um *outro* olhar, uma experiência concreta de desumanização produzida pela pobreza, pela fome de liberdade e de justiça que ao tencionar as estruturas de poder revela um *Ser* favelado, um sujeito capaz de fazer a antítese, de argumentar, de reagir, pois afinal, é.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eliana de Moura; MACHADO, Marília Novais de Mata. **Muito bem, Carolina! Biografia de Carolina Maria de Jesus**. Belo Horizonte: C / Arte, 2007.

CORTAZZO, Uruguay. Branquitude e crítica literária. In: SILVA, Denise Almeida; EVARISTO, Conceição (Org.). **Literatura, história, etnicidade e educação: estudos nos contextos afro-brasileiros, africanos e da diáspora africana**. Frederico Westphalen: EdURI, 2011. p. 119-130.

DUSSEL, E. **Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

JESUS, Carolina. M. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

TEIXEIRA, Níncia. **A Escrita empoderada de Carolina Maria de Jesus: a voz da resistência no cenário das impossibilidades**. Revista de Pós-graduação em Letras, v. 14, n.2. Ano. 2016.